

CB.AGRO

Riqueza desperdiçada

Investimentos e divulgação da agricultura sustentável são chaves para o Brasil, afirma diretor da CNA

» MARIA EDUARDA ANGELI*

Na quarta semana do conflito entre a Rússia e Ucrânia, a questão dos fertilizantes permanece grande motivo de preocupação para o setor agro no Brasil. Em menos de um mês, houve um aumento de 52% no preço nas versões nitrogenadas. Para esta safra, o país está garantido, uma vez que os produtores já possuem esses insumos estocados.

Mas a próxima colheita — prevista para o bimestre de setembro e outubro — carrega incertezas. A guerra no Leste Europeu ameaça o fornecimento dos principais elementos usados na indústria de produtos agrícolas.

Segundo o diretor técnico da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), Bruno Lucchi, o confronto russo-ucraniano impede, ainda, a definição de um cenário para o fim do ano. Segundo ele, é necessário ter mais variáveis para analisar os impactos na economia brasileira. O especialista foi o convidado de ontem do *CB.Agro*, programa da parceria entre o *Correio* e a TV Brasília.

“Nós vamos ter uma sinalização do que pode acontecer com o Brasil a partir de abril, quando o Hemisfério Norte começa a plantar. Conforme for o plantio desses países, a gente vai ver”, disse. Ele ressalta que, atualmente, 90% do fertilizante consumido pelo país é importado. Lucchi entende que reduzir o nível de dependência brasileira é uma questão de “segurança nacional”, pois impacta diretamente na disponibilidade de alimento para a população.

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Bruno Lucchi: Brasil divulga muito mal o respeito do agronegócio à legislação ambiental



O Brasil tem um diferencial, porque ele tem uma reserva legal, uma área de preservação permanente, que é muito maior do que a de outros países”

“A Rússia figura entre os principais fornecedores de fertilizantes no mundo. No caso do Brasil, de todo o volume que importamos no ano passado — em torno de 41 milhões de toneladas — 22% vieram da Rússia. Então um problema com a Rússia, que dificulta esse escoamento da produção, causa uma preocupação muito grande”, nota.

O especialista lembra que o Brasil, apesar do perfil exportador, mantém no território nacional a maior parte dos alimentos produzidos. Assim, é estratégico desenvolver a indústria brasileira

de forma competitiva. “Temos hoje vários eixos que precisam ser sanados. O Brasil ser autossuficiente [em termos de fertilizantes], a gente acredita que não vai ser algo que vamos buscar, porque esses outros países têm muito mais vantagens competitivas que nós”, observou Lucchi.

Sustentabilidade

De acordo com o diretor técnico, “o Brasil tem condições de estar em qualquer mercado mundial, justamente porque o produtor rural brasileiro aderiu

ao Código Florestal, que é nossa lei principal no setor agrícola”. No entanto, o país perde competitividade porque não divulga suficientemente os sistemas de cultura utilizados pelos produtores nacionais.

“Quando eu exporto uma soja — que é uma commodity —, teoricamente o nível de proteína, as condições de umidade, são padrões internacionais. O Brasil tem um diferencial, porque ele tem uma reserva legal, uma área de preservação permanente, que é muito maior do que a de outros países”, afirmou. “Então, em um grão de soja, ele agrega muito mais sustentabilidade do que qualquer outro país no mundo, só que a gente não sabe capitalizar isso”, lamentou.

O especialista disse que o momento é oportuno para discutir políticas estruturantes. “E essa política do fertilizante é essencial. O plano lançado na semana passada prevê um horizonte de 30 anos. Esse período é a médio e longo prazo para se desenvolver uma série de iniciativas que nos permitam ter uma dependência em torno de 40%, 50%”, estimou.

Bruno Lucchi justifica o prazo prolongado. “Não é um setor que a gente consegue trabalhar do dia para a noite. É uma data realista, em função das mudanças estruturantes que precisam ser feitas. Demanda muito investimento, estudo, e melhoria do arcabouço legal para dar segurança jurídica para o investidor.”

***Estagiária sob a supervisão de Carlos Alexandre de Souza**

>> **DEU NO**

www.correio braziliense.com.br

Avibras pede recuperação judicial em SP

A Avibras Aeroespacial, principal fabricante brasileira de sistemas pesados para o mercado de Defesa, entrou com pedido de recuperação judicial em São Paulo. O valor da recuperação é estimado em R\$ 570 milhões. A Avibras produz o sistema lançador de foguetes e mísseis Astros-2020, veículos blindados e equipamentos eletrônicos de uso militar. Além de atender às Forças Armadas, exporta para o Oriente Médio, a Ásia e a América Latina.

Guedes sinaliza que vai ampliar redução do IPI

Após prometer que não ampliaria a redução das alíquotas do Imposto sobre Produto Industrializado (IPI) para poupar a Zona Franca de Manaus, o ministro da Economia, Paulo Guedes, afirmou ontem que estuda mudar “já” a queda das taxas de 25% para 35%. A declaração foi dada em Fortaleza. “Não fosse a Zona Franca, a redução de IPI seria maior, certamente de 50%. Como respeitamos a Amazônia, foi só 25%. Isso tem que ser feito com muito cuidado, com uma a transição lenta e com mecanismos compensatórios para garantir vantagem da Amazônia”, comentou.

correio
webinar

Agenda ESG: uma revolução nos negócios e na sociedade

A construção de um mundo mais inclusivo e sustentável depende da habilidade das empresas em aplicar princípios **ambientais, sociais e de governança corporativa**. Para ampliarmos o conhecimento sobre as recentes ações ligadas à **Agenda ESG** e o papel do Brasil nesse cenário, conversaremos com a sócia-líder da KPMG, **Nelmara Arbex**. Acompanhe!



Mediador

Carlos Alexandre

Editor de Política e Economia
no Correio Braziliense



Convidada

Nelmara Arbex

Sócia-líder de ESG Advisory
da KPMG no Brasil e líder da
KPMG IMPACT



23 de março



às 11h30

TRANSMISSÃO AO VIVO

correio braziliense.com.br
/eventoscb



Patrocínio

KPMG

Realização

**CORREIO
BRAZILIENSE**